

## Quando o corpo transtorna o *corpus*: sobre as (des)figurações do corpo na poesia de Augusto dos Anjos

Prof. Dr. Fernando Fábio Fiorese Furtado<sup>1</sup> (UFJF)

*Ao meu pai, Antônio Carlos Furtado*

### Resumo:

*“Pode-se dizer que, ao longo do processo poético brasileiro até Augusto dos Anjos, quase sempre o poeta ocultou o homem. Talvez por isso mesmo – mas não só por isso – é que, na obra do poeta paraibano, o homem aparece de maneira tão escandalosa, a exhibir seus intestinos, seu cuspido, sua lepra, seu sexo, sua miséria. E também, talvez por isso, o próprio poeta que o exhibe não o aceita.” A partir das palavras de Ferreira Gullar no já clássico ensaio “Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina”, pretende-se investigar as figurações desfiguradas e as desfigurações figuradas pelo autor do Eu em torno do corpo humano, considerando a agonística deste diante da realidade des-sacralizada pelo cientificismo oitocentista e dos monstros e freaks engendrados pela sociedade urbano-industrial de princípios do século XX.*

**Palavras-chave:** Augusto dos Anjos, Eu, voz, escuta, corpo

Dentre as tantas ficções engendradas para fraudar a tabuada de menos que nos assalta na maturidade, uma infância feliz é a mais fácil e alta. Seja porque dialoga com o mito do Éden, ponto médio desdobrado da Idade de Ouro das sociedades tradicionais e continuado nas utopias modernas, seja porque faz falar um morto, a criança que fomos e já não somos, realizando assim uma “pequena eternidade” – ou, ao menos, um arremedo laico de ressurreição. Tal infância feliz implica uma cena originária e original. Originária na medida em que nela surpreende-se a fonte e os motores do nosso destino, indistintos entre os acontecimentos da realidade pretérita e as ficções da memória; original porque cumula personagens, incidentes, paisagens, sensações, afetos e repulsas de uma cabal individualidade. Mesmo traumas e dores, desastres e mortes – tocados pela alegria de quem, ao referi-los, sabe o quanto há de saúde no discurso acerca de, no mudar em texto as armadilhas selvagens da própria biografia.

Figuras inarredáveis desta cena: a mãe e o pai. Aquela, com a sua clínica de salmoura e açúcar, com os aromas da cozinha e do varal, com o vigiar o estado da roupa e a porta da rua, com as canções do rádio mudadas em acalanto para o caçula, com as desmedidas do corpo, suas texturas, suas temperaturas. Quanto ao pai, ainda que possa prescindir da inicial maiúscula de Freud e Kafka, a sua estatura de torre, as medidas do totem, a vida exterior e pública, a distância inelutável do trabalho, da cátedra e da quase secreta política. E antes de tudo, a voz – a voz do pai, jamais abolida na memória, mesmo morto o homem. Portanto, não uma qualquer voz, mas aquela que funda uma “distância amorosa”, um espaço inteiro e necessário para que o outro exista na sua diferença, para que o corpo do outro exista – e seja, na imagem que dele a voz nos dá.

Mas não se engane o leitor com o plural ou o impessoal dos verbos até aqui empregados, pois a leitura que adiante se realiza da poesia de Augusto dos Anjos (1884-1914) principia e se confunde com a escavação da mitologia de minha infância, pessoal e intransferível. Não se trata de surpreender no *corpus* da obra do poeta paraibano os vestígios do corpo de meu pai, há cerca de dois anos entregue à “química feroz” de um cemitério. No entanto, está ali o corpo paterno. Está ali, confundido com aqueles “fonemas acres” e ásperos, porque em cada leitura retorna a voz que contém este corpo, a mesma voz com que meu pai declamava os “Versos íntimos” de Augusto dos Anjos:

Vês! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.

Somente a Ingratidão – esta pantera –  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo! Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!  
(ANJOS, 1978. p. 125).

Está aqui o corpo de meu pai – e embora de modo distinto, também no “Navio negreiro” de Castro Alves, na “Oração aos moços” de Rui Barbosa e em muitos dos sonetos de Olavo Bilac. Está entre as páginas do *Eu*, confundido com o corpo de Augusto dos Anjos, pois contido nesta voz que, a cada verso, a cada estrofe, exsurge e assombra a minha própria voz, embora a física canhestra e gaga desta. A minha voz, sempre menor, um balbucio, um duplo fácil daquela outra voz, que, por volta de meus cinco, seis anos, deu corpo à poesia de Augusto dos Anjos. E continua, alta e árdua, a ponto de figurar como o motor que aciona este texto. Porque na escuta daquele menino, também ele agora e há muito morto, realizava-se sem qualquer metafísica o evangelho de João: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João, 1 : 14). Porque no jogo de atração e repulsa que é toda escuta, a voz do *infans*<sup>2</sup> ganha a carne e os humores que lhe emprestam outras vozes, outros corpos – a voz e o corpo de meu pai, de Augusto dos Anjos, da poesia encarnada neles.

Não por acaso, o mesmo jogo de atração e repulsa rubrica a recepção da crítica quando do lançamento do *Eu* em 1912, como se pode depreender das resenhas coligidas por Raimundo Magalhães Júnior em *Poesia e vida de Augusto dos Anjos* (MAGALHÃES, 1978)<sup>3</sup>. Agregado de palavras coloquiais e termos científico-filosóficos, o estranhamento da linguagem poética de Augusto resulta da tensão entre a alma civilizada e o instinto bárbaro – embora difícil definir em qual destas instâncias incluir os vocábulos eruditos e aqueles vulgares. E como tal expressão lírica se dá “quase como uma segregação orgânica, e a linguagem se confunde com o aparelho fala: a laringe, a língua”, como ressalta Ferreira Gullar no ensaio “Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina”, não se pode descurar desta tensão entre os dentes e a língua, imagens pilhadas de Roland BARTHES (1990. p. 190-192) para dizer dos dois monstros que, segundo Augusto dos Anjos, dançam na psique do poeta: a alma e o instinto<sup>4</sup>.

O corpo da poesia de Augusto dos Anjos principia pela voz, como atestam tanto alguns dos títulos de seus poemas – “Monólogo de uma sombra”, “Solilóquio de um visionário”, “Vozes da morte”, “Vozes de um túmulo”, “Gemidos de arte”, “Queixas noturnas”, “Canto de onipotência”, “Apóstrofe à carne”, “Hino à dor”, “O canto dos presos”, “*Vox victimae*”, “Súplica num túmulo” e “Canto íntimo” – quanto as numerosas referências aos órgãos da fala e anexos, incluindo suas expressões humanas e animais – berro, riso, gagueira, eco, vagido, brado, gemido, uivo, recitação, grito –, seus verbos – cuspir, imprecisar, beber, interrogar, ganhar, urrar, mastigar, chupar, engolir, beijar, alimentar-se, engulhar, golpear, ingerir, comer, mascar, tossir –, suas excreções – cuspo, vômito, tosse, escarro, expectoração, gosma, engasgo, saliva – e outros muitos vocábulos correlatos ou vizinhos.

O *approach* autobiográfico revela-se, pois, não de todo aleatório ou abstruso, uma vez que, para tal poesia, a voz do pai era a necessária e adequada. E cometerei a indiscrição de dizer que esta

voz provinha de uma boca em que a barbárie da língua disputava com os dentes civilizados. Talvez porque a função cortante destes tenha-se acentuado às custas de uma prótese integral, símbolo acabado do processo civilizatório, no duelo com a língua reencenava-se o mesmo jogo de linguagem que mobiliza a poética de Augusto dos Anjos. Pois o vocabulário técnico enxertado na poesia barbariza a cultura cientificista, tanto quanto o emprego de palavras concretas, prosaicas e vulgares o faz em relação ao léxico civilizado da lírica parnasiano-simbolista<sup>5</sup>. Assim, a boca paterna, feita de carne e artifício, desvela-se o lugar privilegiado para o embate desta linguagem tensionada entre as vísceras e a máscara, entre o ordinário e o culto, entre o instinto e a alma, entre barbárie e civilização.

No entanto, a memória daquela voz me afiança o êxito da língua, apesar do empenho do pai no sentido da precisão e do controle da fonética declamatória. Ainda agora, quando a alfabetização, os dicionários e a madureza trataram de dissipar os significados nebulosos das palavras que fascinaram o antigo menino, não desvanece o poder encantatório da linguagem de Augusto dos Anjos. Decerto porque, como nos diz Barthes em *O óbvio e o obtuso*,

... a língua é a linguagem: não a palavra civilizada, pois esta passa pelos dentes (uma pronúncia dentalizada é uma marca de distinção: os dentes são os fiscais da palavra), mas a linguagem visceral, erétil; a língua é o falo que fala. [...] os dentes cortam a palavra, tornam-na precisa, miúda, intelectual, verídica, mas, pela língua tudo passa – porque se estende, se arqueia como um trampolim –, permite à linguagem explodir, ressoar, já não é mais dominável... (BARTHES, 1990. p. 190-192).

Enquanto “falo que fala”, tinha a língua que ser paterna, tinha a língua que duelar com os dentes, com a rudeza da terminologia cientificista, com o vulgar da palavra. Apenas assim, atravessando indominável a garganta, as pregas vocais, os dentes, o nariz, a voz de Augusto dos Anjos permanece objeto de desejo e repulsa. O mesmo desejo e a mesma repulsa com que a voz do pai mobilizava o menino, de modo análogo à reação da crítica de princípios do século diante do *Eu*. Porque havia, confundidos e maiúsculos, o apetite de decifração e a repugnância pelos enigmáticos significantes. De forma que a poesia desdobrava um axioma que traduzi alhures e aqui transcrevo:

Por ausência a boca nasce  
de tudo que a preencha,  
compotas, credos, hiatos.  
E não há costura que defenda  
dos dentes da morte  
roendo os telhados,  
nem do beijo véspera do escarro,  
do turbilhão de fonemas acres  
que enquanto avança  
a voz do pai faz brilhar  
**(antes a química,**  
**depois a semântica).**  
(FURTADO, 2002. p. 119, grifo meu).

Antes a prosódia, depois o significado. Também ágrafo, o *infans* era todo escuta. Ou melhor, todo escutas – os três tipos que Barthes explicita no ensaio “A escuta” (BARTHES, 1990. p. 217-229). Na “escuta de índices”, modalidade animal, o insólito vocabular se anuncia como perigo ou salvação, de tal forma que outra escuta, a “escuta dos signos”, se impõe ao menino no empenho de decifrar o mistério dos significantes, de acomodar a estranheza do léxico aos poucos códigos a que tem acesso. Apenas para, neste desdobrar-se do animal ao homem, aprender o sentido da “escuta moderna”, aquela que “já não se distancia do que chamamos aqui escuta dos índices e escuta dos signos (embora subsistam concorrentemente)” (BARTHES, 1990. p. 227). Esta a essência da escuta da poesia – aberta, livre, dispersa –, como se pode depreender das palavras de Barthes:

... há uma abertura da escuta a todas as formas de polissemia, de diferentes motivações, de superposições...

... uma escuta livre é essencialmente aquela que circula, que permuta, que desagrega, por sua mobilidade, a malha estabelecida que era imposta à palavra...

... o que é escutado aqui e ali (sobretudo no campo da arte, cuja função é por vezes utopista) não é um significado, objeto de reconhecimento ou de decifração, é a própria dispersão, o espelhamento dos significantes, que voltam sem cessar, a uma escuta que, sem cessar, produz novos significantes, sem que desapareça o sentido... (BARTHES, 1990. p. 227-228)

Trata-se de um aprendizado, com seus medos e seus prazeres. Um aprendizado que, tal a poesia de Augusto dos Anjos, principia na voz, no fascínio pela voz dissociada do teor da fala: “Por vezes, a voz de um interlocutor encanta-nos mais do que o conteúdo de seu discurso e surpreendemo-nos a escutar as modulações harmônicas dessa voz sem ouvir o que ela nos diz” (BARTHES, 1990. p. 225). Diante das palavras incivilizadas ou civilizadas em demasia, cujos significados lhe eram inalcançáveis, restava ao menino aprender a poesia na tensão sonora dos decassílabos, nas rimas inusuais, neste turbilhão de fonemas acres, qual “barulho de mandíbulas e abdomens” (ANJOS, 1978. p. 112), porque a custo excretados de um corpo de carne e humores:

De onde ela vem?! De que matéria bruta  
Vem essa luz que sobre as nebulosas  
Cai de incógnitas criptas misteriosas  
Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta  
Do feixe de moléculas nervosas,  
Que, em desintegrações maravilhosas,  
Delibera, e depois, quer e escuta!

Vem do encéfalo absconso que a constribe,  
Chega em seguida às cordas da laringe,  
Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a amarra,  
Mas, de repente, e quase morta, esbarra  
No molambo da língua parálitica!  
(ANJOS, 1978. p. 71).

A voz em que principia o corpo e o corpus poético de Augusto dos Anjos não é, portanto, apenas metáfora ou imagem, como fora uma figuração diáfana, tênue, abstrata. Ao contrário, trata-se de voz humana, demasiado humana, material, concreta, carnal, bruta, porque tensionada entre a idéia e o instinto, entre a palavra e o silêncio, entre a mística e o intelecto. E se nela principia o corpo que transtornará o corpus desta obra poética, aqui encerro minhas palavras, desculpando-me com o leitor pelo engodo do título. Trata-se de um trabalho em progresso e os seus limites não me permitiram senão alcançar o início, um duplo e dubio início: as ficções da infância, como fonte e origem, e o presente texto, desdobramento e continuação do aprendizado da voz, do aprendizado do corpo, do aprendizado da poesia.

### ***Referências Bibliográficas***

- [1] A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo : Paulinas, 1989.
- [2] BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Trad. Lea Novaes. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1990.
- [3] ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- [4] FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro : FENAME, 1982.
- [5] FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. *Corpo portátil: 1986-2000*. São Paulo : Escrituras, 2002.
- [6] GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ———. ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978. p. 13-60.
- [7] MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1978.

---

<sup>11</sup> **Fernando Fábio Fiorese FURTADO, Prof. Dr.**

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

fernando.fiorese@acessa.com

<sup>2</sup> Formado por derivação prefixal – *in-* (prefixo privativo ou negativo) + *fans* (particípio presente de *for*, -*aris*, -*ari*, -*atus sum*, “falar, dizer; celebrar, contar, predizer, profetizar”) –, tal vocábulo latino tem funções substantiva e adjetiva e implica os seguintes significados: “criança; que não fala, incapaz de falar, que não tem o dom da palavra, que tem pouca idade, infantil, de criança pequena, pueril” (FARIA, 1982).

<sup>3</sup> Ver os capítulos 25 e 26.

<sup>4</sup> Refiro-me ao poema “A dança da psique”, não incluído no *Eu*: “A dança dos encéfalos acesos / Começa. A carne é fogo. A alma arde. A espaços / As cabeças, as mãos, os pés e os braços / Tombam, cedendo à ação de ignotos pesos! // É então que a vaga dos instintos presos / – Mãe de esterilidades e cansaços – / Atira os pensamentos mais devassos / Contra os ossos cranianos indefesos. // Subitamente a cerebral coréia / Pára. O cosmo sintético da Idéia / Surge. Emoções extraordinárias sinto... // Arranco do meu crânio as nebulosas. / E acho um feixe de forças prodigiosas / Sustentando dois monstros: a alma e o instinto!” (ANJOS, 1978. p. 167).

<sup>5</sup> Ver a respeito o levantamento de palavras e expressões realizado por Gullar no ensaio já citado (GULLAR, 1978. p. 34-35).